



ST5. HISTÓRIA E IMPRENSA A CULTURA E A POLITICA NO BRASIL DO SÉCULO XX

255

A PALAVRA IMPRESSA: UMA HISTÓRIA DOS JORNAIS, REVISTAS E OUTROS SUPORTES IMPRESSOS DE CAMPINA GRANDE (1913-1953)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

Resumo: O objetivo desta comunicação será apresentar um histórico da produção impressa de Campina Grande, Paraíba, entre as décadas de 1910 e 1950, destacando os seus principais periódicos publicados neste período, com destaque para os jornais, revistas, além de anuários e almanaques. A partir de um estudo que lança uma panorâmica sobre o que chamamos de cultura impressa pretendemos relacionar a história de Campina Grande, dissecada por estes suportes, num momento em que a cidade vivia um processo intenso de transformação urbana. Este trabalho faz parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado apresentado na UFCG, em 2012, com o título *Da Academia ao Bar: Círculos Intelectuais, Cultura Impressa e Repercussões do Modernismo em Campina Grande, PB (1913-1953)*.

Palavras-chave: Campina Grande. Cultura Impressa e Periodismo.

INTRODUÇÃO

A imprensa campinense não acompanhou o desenvolvimento da cidade. O progresso no setor comercial, industrial ou bancário, fez com que se transformasse no grande centro de atividades, conhecido em todo o mundo. Contudo, aqui sempre se lutou pelo jornalismo. Nos cem anos de vida de cidade, deve ter surgido em média, um jornal por ano. Muitos, de pouca duração; depois do primeiro número, não aparecia o segundo. Outros, iam um pouco além; um mês. E, outros, a um ano.²

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), graduado em História e Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor Universitário da UEPB e da Educação da Básica, da Rede Estadual da Paraíba.

²SOBRINHO, José Leite. A Imprensa em Campina Grande. In: JOFFILY, Irineuetalli. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964, p.163.

Estas são as constatações do jornalista José Leite Sobrinho ao realizar um pequeno histórico da imprensa em Campina Grande, no ano de 1962, publicado no jornal *O Rebate*. O jornalismo campinense custou a se profissionalizar, se constituindo com muitas dificuldades de ordem técnica, econômica e logística, sendo caracterizado pela sua forma fragmentada e descontínua em diversos aspectos.

Em nossa pesquisa arrolamos um pouco mais de 50 periódicos, entre jornais, revistas e outros suportes impressos em Campina Grande, no período de 1913 a 1953. Raros conseguiram certa continuidade na circulação, a maioria com uma periodicidade semanal ou mensal em alguns casos, com periodicidades maiores, exemplo de algumas revistas, mas com uma ausência de lógica sucessiva, inviabilizando a formação de um quadro estável de circulação.

Estas “folhas da cidade” possuíram perfis específicos de atuação, desenvolvendo no aspecto gráfico e ideológico suas opções enquanto suportes impressos. É neste sentido que pretendemos traçar a trajetória do periodismo na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, procurando desta maneira compreender as regras de constituição da cultura impressa do município no que se refere ao periodismo.

“A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira”³, afirmaram Ana Luisa Martins e Tânia Regina de Luca, destacando a importância do periodismo na trajetória intelectual do nosso país. As mesmas historiadoras ainda salientaram que “não há como escrever a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país”⁴. É esta trajetória que pretendemos realizar mediante o processo de confecção da história da imprensa em Campina Grande, na primeira metade do século XX, traçando um perfil dos principais periódicos da cidade.

O periodismo foi um gênero bastante popular no país, visto que até o início do século XX, sem haver casas editoriais em muitas cidades brasileiras, foi nas folhas baratas do jornal ou da revista que houve um espaço legitimador do impresso no país. Portanto, em Campina Grande, no quadro de uma cultura impressa na cidade, muito no que se refere ao processo de escrita e de publicação era centralizado no periodismo nos jornais e revistas que chegaram a circular.

Por tudo isso, realizamos uma história da imprensa campinense, procurando reaver uma trajetória dos periódicos produzidos em Campina Grande, construindo um perfil temático, gráfico, ideológico e cultural destes jornais e revistas, identificando as relações entre o jornalismo impresso e produção literária, e ampliando no que concerne a analisar também outros suportes materiais de difusão de conhecimento, a exemplo dos almanaques, anuários e álbuns industriais e comerciais.

OS JORNAIS: DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS

A imprensa de Campina Grande inicia-se com a fundação do primeiro jornal da cidade: a *Gazeta do Sertão*, criado por Irineu Joffily e Francisco Retumba, em setembro

³ MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de. *Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil*. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p.8.

⁴ Idem.

de 1888. Impresso pelo tipógrafo Tito Silva, sua tiragem era de 800 exemplares, possuindo uma linha ideológica “que disseminou idéias progressistas como a da autonomia dos municípios, descentralização do poder, a defesa dos direitos humanos e o abolicionismo da escravatura”⁵. Graças a este perfil, diríamos questionador, o jornal acabou sendo perseguido, deixando de circular no ano de 1891, vítima de um empastelamento dos opositores. Jornal de feição liberal, inimigo dos partidários do então Partido Conservador. Em Campina Grande, esses adversários eram Alexandrino Cavalcanti, sogro de Cristiano Lauritzen, e correligionário, no palco provincial, os adversários seguiam o Barão de Abiaí.

Depois da *Gazeta do Sertão*, vieram os seguintes hebdomadários: *O Alfinete* (1889), *O Tempo* (1890), *O Campinense* (1892), *O Álbum* (1894), *Gazeta dos Artistas* (1894) e *O Echo* (1895). Esta é a primeira leva de periódicos campinenses, produzidos de maneira completamente artesanal e de circulação avulsa, com quase sem nenhuma infra-estrutura material, porém mantida por intelectuais, geralmente professores ou juristas.

A partir de 1905, já com as expectativas da construção da estrada de ferro, e da chegada do trem, ocorrido dois anos depois, outros jornais começaram a funcionar: *O Prelúdio* (1905), *O Campina Grande* (1909) e *o 15 de Novembro* (1910). Dirigidos em sua maioria por estudantes de Direito da Faculdade do Recife, como Gilberto Leite, Protásio Sá e Antonio de Sá. Os dois últimos periódicos publicavam pequenas matérias, juntamente com poemas e outros textos de natureza literária. Neste contexto, as primeiras tipografias advindas principalmente do Recife já indicavam um crescimento do periodismo na cidade em comparação às experiências anteriores.

Todavia, é apenas em 1912 que o jornalismo campinense ganha o seu primeiro jornal com uma estrutura mais arrojada, o *Correio de Campina*, periódico pertencente ao grupo político ligado a Cristiano Lauritzen, dinamarquês radicado no Brasil, na época Prefeito de Campina Grande. Nomes como José Alves Sobrinho, Lino Fernandes de Azevedo (genro de Lauritzen), Severino Pimentel e Lino Gomes da Silva, formaram o grupo de intelectuais, ligados ao Partido Autonomista ou Conservador, dando sustentação ao jornal, com matérias, poemas e artigos de opinião. Com altos e baixos, o jornal teria funcionado até o ano de 1927.

O *Correio de Campina*, em suas páginas na década de 1910, destacava as representações do “ideário progressista e moderno” de Campina Grande sob forma de crônicas publicadas semanalmente. O jornal acompanhou durante quase duas décadas o crescimento da cidade ainda com características rurais em muitos aspectos, e interagiu com os grupos sociais através de textos que salientavam as questões políticas, sociais e culturais do município (notadamente os eventos da alta sociedade). Já trazia algumas propagandas em suas páginas, porém sua estrutura gráfica era precária em diversos aspectos.

Constatação também presente no aspecto gráfico dos jornais *O Proêmio* (1915-1917), *A Renascença* (1915), *O Democrata* (1916) e *A Razão* (1917-1919), títulos que foram lançados de maneira quase completamente artesanal. Estes periódicos citados

⁵ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e vida*. Campina Grande: Grafset, 1986, 82.

foram mantidos, quase todos, pela própria tipografia do *Correio de Campina*, a exceção do jornal *A Razão*, pertencente ao grupo de oposição a Cristiano Lauritzen, sendo liderado por Afonso Campos e Salvino de Figueiredo (este último diretor do órgão).⁶

Já na década de 1910 identificamos jornais com as práticas específicas de lazer e enfoques ligados ao tema do romantismo (ainda bastante em voga entre os jovens do período) e o humor. Exemplos que podemos trazer foram os jornais: *A Rolha* (1915), *O Martelo* (1915) e *O Democrata* (1916). Este último, por exemplo, que se auto intitulava um “Órgão literário, crítico e noticioso”, amparado pelo anonimato dos pseudônimos, os redatores do periódico divulgavam-no durante as apresentações dominicais das bandas sinfônicas em praça pública no início do século XX em Campina Grande, como forma de “fletar” com as moças presentes neste acontecimento social, as disputadas “retretas”.

Ainda na década de 1910, funcionou em Campina Grande entre os anos de 1916 e 1917, o informativo *O Gabinete*, lançado durante o aniversário de fundação do Gabinete de Leitura 7 de Setembro. Enquanto “lugar de letrados”, interessados na prática da leitura, o jornalzinho possuía a função de informar as atividades da instituição durante as gestões das diretorias eleitas. Dados sobre a biblioteca e ações cívicas eram os temas mais abordados. Em 1916, o Campinense Clube, um ano depois de ser fundado lança o único número do jornalzinho *O Campinense*.

Chegando o ano de 1920, surge nova leva de periódicos, como *A Lanterna* (1920), Quinzenário crítico, humorístico, charadístico, literário e noticioso, dirigido por Joaquim da Silveira; *O Clarão* (1922/1923), órgão do Instituto Olavo Bilac, do professor e poeta Mauro Luna; *O Lidador* (1922), primeiro jornal de “classes” da cidade, pertencente à Associação dos Empregados do Comércio Campinense; *O Sport* (1923), fundado pelo poeta José Malheiros, primeiro jornal desportivo de Campina Grande; *Gazeta do Sertão* (1923/1924), em sua segunda fase e desta vez dirigida pelo recém-formado em Direito no Rio de Janeiro Hortênsio de Sousa Ribeiro; *A Palavra* (1925), mais um órgão ligado ao Gabinete de Leitura 7 de Setembro e *O 31* (1926), periódico ligado ao Grêmio Renascença; *Treze*, jornalzinho ligado ao Treze futebol Clube, dirigido por Ernani Lauritzen.

Já no final da década de 1920, os jornais já indicavam a intensificação dos debates ideológicos e culturais que marcariam a década de 1930, principalmente no campo político. O primeiro que identificamos com esta característica foi o jornal *O Século*, que funcionou entre 1928 e 1929, sendo dirigido pelo jornalista Luis Gomes da Silva.

⁶Na realidade, durante os anos 10 do século XX havia um forte dualismo político na cidade de Campina Grande que havia sido constituído ainda no final do século XIX: de um lado, havia os chamados *autonomistas* (chamados também de ex-conservadores), liderados por Cristiano Lauritzen, tendo um núcleo forte de adesões políticas locais e regionais. Entre os intelectuais, nomes como Lino Gomes, Lino Fernandes de Azevedo e políticos como Jovino do Ô e seu filho Ernani Lauritzen. Do outro lado, na oposição, existiam os chamados republicanos liderados durante décadas entre os séculos XIX e XX por Irineu Joffily, Chateaubriand Bandeira de Melo e João Lourenço Porto, que na década de 1910 ganhava três novas lideranças: Afonso Campos, Salvino e Acácio Figueiredo. O grupo situacionista tinha no jornal *Correio de Campina* o órgão para divulgar suas ações e projetos para a cidade naquele início de século. Já os oposicionistas, através do jornal *A Razão*, combatiam o governo municipal de Cristiano Lauritzen, evidenciando as falhas e perseguições do grupo que estava no poder desde o século XIX.

Segundo Juarez Bahia, na esteira de Néelson Werneck Sodré, a imprensa brasileira passou por três fases distintas. A primeira fase começa em 1808, quando da chegada da família Real e a inauguração da imprensa Régia. A segunda fase inicia-se em 1880, sendo a fase da aventura industrial, da consolidação, quando o jornal toma características de empresa. A terceira teve seu marco a influência norte-americana na década de 1950, a chamada fase moderna.⁷

No caso específico da segunda fase, que vai de 1880 até o início da década de 1950, perceberemos claramente que Campina Grande não vivenciou numa mesma época as experiências dos centros culturais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. Para Juarez Bahia, nos anos finais do século XIX para os princípios do século a imprensa nacional passou pelo processo de mudança, de uma imprensa artesanal para uma imprensa industrial. Seriam características deste novo modo de jornalismo: a profissionalização dos jornalistas, o advento da propaganda como fonte de renda e organização específica, além da modernização da tipografia⁸. Tais realidades em Campina Grande só seriam vivenciadas de maneira consistente, segundo a nossa compressão, a partir de 1957, quando da inauguração do *Diário da Borborema*, onde uma equipe de jornalistas estabeleceram uma forma profissional e moderna.

Na realidade o que se percebe em Campina Grande na primeira metade do século XX é a identificação de um jornalismo boêmio, ativista e idealista, como salientou Juarez Bahia, fora dos padrões profissionais, feito de maneira artesanal, muitas vezes, com jornais produzidos à mão ou compostos de caixas, à maneira primitiva e prensados aos impulsos pedal ou braçal.

Com a “Revolução de 1930”, o Brasil passa por mudanças expressivas no quadro político. Os jornais campinenses acabam por expressar também estas mesmas transformações, pois assim como “a chegada de Getúlio Vargas ao poder implicou deslocamentos importantes no cenário da grande imprensa”⁹, também os pequenos periódicos das cidades do interior sofreram variações, principalmente no que se refere à ascensão das ideologias comunista e integralista. Neste contexto, dezenas de periódicos se multiplicaram, principalmente entre os anos de 1934 e 1937, período denominado pelos historiadores de constitucional.

Em 1931, os advogados e políticos José Tavares Cavalcanti e Octavio Amorim, convidam o jornalista Tancredo de Carvalho, vindo da cidade de Solânea, para fundar um jornal chamado simbolicamente de “Brasil Novo”. Nas palavras de Tancredo de Carvalho, “Campina Grande surgia como um centro que começava a dar os primeiros sinais de inquietação, mas faltava-lhe um jornal que a dispusesse a fazer uma campanha com essa patriótica finalidade”¹⁰.

Em 1932, surgiram mais dois jornais, o *Comércio de Campina*, dirigido pelos professores e jornalistas Almeida Barreto e Alfredo Dantas; e *O Rebate*, que tinha como subtítulo: “Órgão proletário de interesse regionais”, fundado por Luiz Gil de Figueiredo,

⁷ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

⁸ Idem.

⁹ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p.149.

¹⁰ CARVALHO, Tancredo de. *Memórias de um brejeiro*. João Pessoa: Gráfica Júlio Costa, 1975, p.52.

Pedro D’Aragão e Eurípedes de Oliveira, o mesmo grupo que criou em 1929, a *Sociedade Beneficente dos Artistas*.

O Rebate foi um dos jornais mais duradouros da história da imprensa de Campina Grande, pois circulou até o início da década de 1960. As motivações de sua fundação nos parecem cercadas por um combate ao comunismo, na época, em ascendente interesse com a classe operária e com os intelectuais da época.

Em 1934, somado às conquistas tipográficas do município, com a proclamação da nova Constituição Brasileira do mesmo ano, multiplicaram-se os pequenos jornais em Campina Grande. Espírito de liberdade, que imperou até 1937, quando do Estado Novo, que diminuiu consideravelmente a liberdade de imprensa. Surgiram neste contexto: *Flâmula*, jornal de tendência vanguardista, editado por Antonio Moraes, Paulo Brazil e Lopes de Andrade; *Praça de Campina*, dirigido por Luis Gomes da Silva e Almeida Barreto, sendo um “Órgão de Defesa e propaganda comercial”; *A Batalha*, jornal de tendência comunista, dirigida por Arlindo Correa e Isidoro Aires, que funcionou de 1934 a 1935; *Extra*, que funcionou de 1934 a 1936, sendo dirigido por Elias de Araújo; *A Ordem*, órgão da Maçonaria, fundado por J. Leite Sobrinho e Zeferino Lima; *A Frente*, de Arlindo Correa e Bianor de Freitas, também com tendências comunistas; *O Farol*, dirigido por João Henriques de Araújo; *O Paulistano*, sob orientação dos jovens intelectuais Lopes de Andrade, Milton Coura e Francisco Lima, que circulou até 1936; *Evolução-Jornal*, “*Periódico independente e noticioso*”, ligado ao Instituto Pedagógico, dirigido por Olavo Bilac Cruz e Orlando Santos, que funcionou até o ano de 1936; *A. E. Jornal*, “*órgão da associação dos empregados do comércio*”, dirigido por Magalhães Cordeiro, com tendências socialistas.

De todos os jornais criados a partir de 1934, *A Batalha* e *A Frente*, se colocam enquanto periódicos ligados à classe operária na cidade de Campina Grande. O primeiro dizia ser “Órgão dos trabalhadores e dos interesses gerais”, o segundo “Órgão do Comitê dos sindicatos de operários de Campina Grande”. Ambos tiveram em suas páginas o combatente Arlindo Correia da Silva, jornalista destacado que se envolveu em dezenas de debates ideológicos com outros intelectuais, geralmente ligados ao catolicismo ou ao integralismo.

Entre 1935 e 1936, surgiram vários outros periódicos ligados aos principais colégios e órgãos representativos dos estudantes. Neste sentido, começam a disseminar pela cidade, sobretudo pelas escolas particulares da elite, os seguintes jornalinhos: *O Colegial*, órgão da Academia D. Adauto, do Colégio PIO XI, criado em 1935, que circulou até o ano de 1939; um ano depois, sai *A Voz da Mocidade*, fundado por José Fernandes Dantas e *Formação*, periódico ligado ao Centro Estudantil Campinense, tendo Cláudio Agra Porto como diretor. Este último funcionou até a década de 1940, ressurgindo depois no ano de 1950, tendo como diretor o poeta Ronaldo Cunha Lima.

Em 1937, é criado em Campina Grande o jornal *A Voz da Borborema*, que depois do *Correio de Campina* e de *O Rebate*, acreditamos, foi o terceiro grande jornal do município na primeira metade do século XX. Surgido para “enaltecer” o grupo político ligado a Argemiro de Figueiredo, nomeado como interventor do estado da Paraíba em 1937, sua direção estava nas mãos de Acácio Figueiredo, irmão do governador, compactuando com a idéia fundamentada pelo Estado Novo.

Mesmo com todo o crescimento quantitativo, o jornalismo campinense, diferentemente dos jornais pernambucanos, possuía um ritmo lento com relação à chegada do modelo comercial na imprensa. De acordo com Ana Luisa Martins e Tânia Regina de Luca: “(...) a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico”¹¹, experiência vivenciada principalmente na região sul do país. Visto que em Campina Grande a imprensa se manteve em muitos aspectos com um modelo artesanal, principalmente nas pequenas folhas que surgiam com a mesma intensidade com que desapareciam. De maneira geral, salvo poucas exceções, os jornais campinenses eram folhas impressas de quatro páginas, com duas a quatro colunas, constituídos por pequenos grupos, formado por 2 ou 3 sujeitos, com seus escritórios e redações, adaptados em suas casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas.

Mesmo com o advento da propaganda enquanto linguagem moderna, os periódicos campinenses não conseguiram se afirmar de maneira profissional. O desenvolvimento do mercado e da linguagem da propaganda colocou-se como uma pressão para a renovação/redefinição dos sentidos sociais e da linguagem da imprensa.

Diferentemente da década de 1930, o número de jornais em funcionamento na década de 1940 diminuiu consideravelmente, principalmente “as pequenas folhas”. Uma das principais causas foi o aumento do preço do papel durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Continuava a funcionar o jornal *O Rebate*, imperando nas ruas como o mais consumido na cidade. Surgiram ainda *A Voz do Dia*, jornal de orientação panfletaria, que funcionou de 1945 a 1946. Segundo Fátima Araújo, “Para alguns jornalistas campinenses, esta foi a primeira folha diária de Campina Grande; outros consideram como tal *A Batalha*, de 1934”.¹²

Passados alguns anos após a Segunda Guerra, tivemos um novo fôlego na cultura impressa campinense no que se refere à criação de novos jornais, mesmo com durações mínimas. Tivemos a fundação do jornal *Boletim*, em que saiu apenas um número no ano de 1949; o *Correio Campinense*, que funcionou no mesmo ano dirigido por Osvaldo de Castro; *O Momento*, de 1950, dirigido por uma equipe de jornalistas pernambucanos, entre eles: Celso Rodrigues, Jayme Menezes e Nilo Tavares; *O Esporte*, periódico ligado ao tema futebolístico, de 1950; *O Batista Paraibano*, órgão religioso ligado a Igreja Batista, de 1950; tivemos ainda o ressurgimento do jornal *Formação*, em 1953, órgão do Centro Estudantil Campinense e do jornal *A Ordem*, da loja Maçônica, que funcionou até 1953; *Tribuna do Estudante*, fundado por Wallace de Figueiredo, em 1951; *O Globo*, criado em 1952, sob a orientação de Francisco Asfora; *O Pio XI*, periódico do colégio do mesmo nome, fundado em 1952; *Jornal de Campina*, de 1952, tendo como diretores Wiliam Tejo e Vírginus da Gama e Melo; e a *Tribuna da Paraíba*, dirigidas por Milton Cabral e Adauro Barreto. Este último periódico, de acordo com Fátima Araújo foi o primeiro jornal composto em linotipo.¹³

¹¹MARTINS, Ana Luisa; LUCA, Tânia Regina de. Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p.11.

¹²ARAÚJO, Fátima, Op. Cit. 1986, pp.89-90.

¹³Idem.

Ainda no início da década de 1950, houve a volta do crescimento e da circulação dos materiais impressos. Desta vez com a experiência da inovação tecnológica e da melhor qualidade da produção textual, com o modelo norte-americano de jornalismo chegando no Brasil. Inovação tecnológica, com usos de ilustração diversificada, como charges, caricaturas, aumento das tiragens, melhor qualidade dos papéis, baixo custo do impresso.

Desta maneira, diante do quadro da imprensa campinense, conseguimos perceber o perfil do periodismo na cidade, em categorias como os *jornais políticos/partidários*, os *jornais sindicais/operários* (no campo popular, as vanguardas do movimento operário concebem a imprensa como instrumento fundamental de propaganda das idéias revolucionárias e de educação do proletário), *jornais estudantis/escolares* e os *jornais associativos/recreativos*, ligados a clubes e associações da cidade (futebol, lazer, literatura, etc.).¹⁴

AS REVISTAS: HORIZONTES DE POUCAS EXPERIMENTAÇÕES

Poucas foram às revistas elaboradas na cidade de Campina Grande pelos seus intelectuais na primeira metade do século XX. Diferentemente dos jornais, que, apesar de suas dificuldades técnicas e econômicas, germinaram com certa abundância na “Rainha da Borborema”, as revistas locais tiveram poucas experimentações editoriais. Em parte, acreditamos que tal condição se deu pelos altos custos financeiros que demandavam esta experiência, exigindo equipamentos específicos de impressão e ampla divulgação de material.

Contabilizamos, diante de nossa pesquisa, 9 títulos de revistas registrados, que chegaram a circular em Campina Grande entre os anos de 1913 e 1953, período de nossa delimitação. Boa parte delas manteve-se em pouco tempo em circulação e em muitos casos só conseguiram um ou dois números, e em praticamente todas as situações não excederam quatro anos de circulação. Neste sentido, identificamos as seguintes revistas: *Revista Campinense (1920-1921)*, *Flores de Junho (1924)*, *Evolução (1931)*, *Ensaio (1935)*, *Idade Nova (1937-1940)*, *Folguedos de São João (1941)*, *Treze Futebol Clube (1952)*, *Medicina (1951-1959)*, *Manáira (1948-1951)* e *Aríus (1952-1955)*.

Em ambas as revistas, compreendemos que elas se enquadraram nas seguintes categorias: o *modelo comemorativo* (criado no sentido de evidenciar uma data comemorativa ou um período exclusivo do ano, como no período junino); O *modelo de acompanhamento institucional* (que seria periódico criado para um público específico, de uma associação, religião ou escola) e o *modelo de variedades* (revistas mais amplas, com temas e públicos mais diversos).

A primeira revista de que temos notícia de circulação na cidade de Campina Grande foi a *Revista Campinense*, criada no ano de 1920, sendo um mensário ilustrado

¹⁴Temos ainda na cartografia das publicações campinenses, os chamados “jornais de festas”, publicados principalmente na Festa de Nossa Senhora da Conceição¹⁴, na semana correspondente entre o Natal e o Ano Novo, no mês de dezembro, no qual alguns intelectuais da cidade se juntavam para divulgar de maneira humorística, os principais acontecimentos sobre os personagens da cidade

de Ciência, Indústria e Arte. Sua fundação demonstra os anseios de um grupo de letrados campinenses ligados ao *Gabinete de Leitura 7 de Setembro* em expor suas ideias e obras através de artefatos impressos, tendo como argumento o crescimento econômico de Campina Grande.

Em 1924 é o ano de estreia da *Revista Flores de Junho*, um periódico de “sortes, humorismo, anedotas, literatura, etc.”, que só circulou apenas um único número, durante o São João de Campina Grande naquele ano, e que segundo o seu editorial “a idéia de dar à luz da publicidade uma revista que venha casar seus acordes com a alma popular que, numa eclosão de santa alegria, venha entoar um hino de amor e unção a primavera”¹⁵.

Em 1931, o tenente Alfredo Dantas inaugurou uma revista ligada ao Instituto Pedagógico (fundado em 1919), *Evolução*, cujo número inaugural saiu em setembro. Com capas coloridas, papel de ótima qualidade, a revista que circulou até o ano de 1932 trazia diversas matérias de alunos, fotografias, muitas propagandas, além de artigos de opinião, sobre civismo, educação e política. Dentro de um ideal revolucionário da época, provenientes da “Revolução de 1930”, encontramos dezenas de fotografias e textos elogiosos aos “heróis” deste movimento político, a exemplo de José Américo de Almeida, Juarez Távora, etc.

Uma revista que trouxe um perfil completamente diferenciado de todas que chegaram a circular em Campina Grande foi a *Ensaio*, revista dirigida pelo jornalista e escritor José Lopes de Andrade. O periódico, pelo que sabemos teve apenas dois números que circularam no ano de 1935. Com uma feição moderna, a revista enfeixou em seus dois números uma seleção de trabalhos ensaísticos “firmados por nomes locais e de fora”, segundo as notícias da época.¹⁶

Em 1937, *A União dos Moços Católicos de Campina Grande* fundou a revista *Idade Nova*. Dirigida por Atília Xavier, Epaminondas Câmara e Hildebrando Leal, a revista continha diversos artigos de opinião, crônicas e informativos sobre a ação católica no município. Há claramente uma proposta ideológica de combate ao socialismo soviético e um direcionamento quanto à construção de uma identidade católica ligado ao ambiente de trabalho e familiar. O periódico funcionou até o ano de 1940.

Na década de 1940, encontramos apenas uma revista que chegou a circular, mesmo assim com apenas um número. Foi a revista *Fogueiras de São João*, editado em 1941, durante os festejos juninos daquele ano (semelhante a revista *Flores de Junho*).

Já na década de 1950, de início identificamos duas pequenas revistas, *Medicina*, órgão da Sociedade de Medicina de Campina Grande e também vinculada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, que funcionou até o ano de 1959; e *Treze Futebol Clube*, revista publicada no ano de 1952, sobre o tema das comemorações dos 27 anos da instituição esportiva.

Por fim, dentro do quadro da cultura impressa campinense, tivemos aquelas que consideramos as duas principais revistas da cidade publicadas durante a nossa

¹⁵ A razão desta revista. *Flores de Junho*, Ano I, nº1, Maio de 1924, s/p.

¹⁶ Ensaio... *Evolução-Jornal*, Ano I, nº7, 1 de maio de 1935, p.2.

delimitação temporal: a *Revista Manaíra* e a *Revista Ariús*. Com perfis gráficos e de conteúdo semelhantes, uma foi a continuidade da outra, sendo dirigidas pelo poeta e jornalista Egídio de Oliveira Lima. Profundamente inspiradas nos modelos modernos das revistas de variedades, ambas traziam um discurso de modernidade às letras campinenses, enfatizando aspectos da cidade em sua trajetória de progresso e civilização. A *Revista Manaíra*, fundada na cidade de João Pessoa, no ano de 1939, foi transferida para Campina Grande, no ano de 1948, devido a iniciativa do industrial campinense José Marques de Almeida, dono da Indústria Têxtil Marques de Almeida. Bimestral, seu primeiro número campinense saiu em outubro/novembro daquele ano. Com o fim da *Revista Manaíra*, em 1951, com a justificativa da falta de patrocinadores, Egídio de Oliveira Lima deu continuidade ao seu plano editorial de produzir uma revista de qualidade gráfica na cidade de Campina Grande, inaugurando, em 1952, a *Revista Ariús*. Com capas que traziam artistas de cinema, o periódico, à semelhança da *Manaíra*, havia excelentes textos, sempre bem ilustrados com dezenas de fotografias.

ALMANAQUES, ANUÁRIOS E ÁLBUNS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS

Outras formas de expressão da cultura do impresso nos quais se revelaram ao longo da primeira metade do século XX em Campina Grande além dos jornais e revistas, foram às publicações através de almanaques, anuários e álbuns indústrias e comerciais, que obtiveram repercussões positivas junto ao público da época, com acentuadas mudanças formais e editoriais e até o momento representam importantes fontes sobre a história da cidade, pois seus conteúdos e imagens relataram aspectos significativos da economia, da sociedade, da política e da cultura de Campina Grande.

Entre 1913 e 1953, conseguimos catalogar a presença dos seguintes suportes que se encaixam nos modelos alternativos de uma cultura impressa: *Anuário de Campina Grande*, de 1925, organizado por João Mendes de Sousa e *Anuário de Campina Grande*, de 1950, dirigida por Lino Gomes Filho; *Álbum Industrial e Comercial*, de 1925, organizador por José Barros de Amaral; e os *Almanaques de Campina Grande*, de 1933 e 1934, organizados por Euclides Vilar.

Impresso nas oficinas gráficas do Jornal do Comércio, do Recife, e dirigido pelo jornalista João Mendes de Sousa, o *Anuário de Campina Grande* para o ano de 1926, foi um projeto coletivo e de difícil aplicabilidade. O projeto de publicar o Anuário, que durou 4 anos, desde sua proposta inicial em 1921, até 1925, ano da publicação.

O *Anuário de Campina Grande*, em suas mais de 400 páginas¹⁷, é constituído por uma diversidade enorme de textos, geralmente informativos e expositivos, sobre questões históricas da cidade, artigos de opinião sobre economia e propagandas sobre associações recreativas, sindicatos e outras instituições importantes para a elite econômica e religiosa da época.

¹⁷ O pesquisador português Antônio Soares, ao estudar a história da produção literária de Campina Grande, identificou duas versões para o *Anuário de Campina Grande*, publicado no ano de 1925. Uma com 452 páginas e outra com 444 paginações. A hipótese que temos é que os editores mandaram realizar reimpressões, sendo a segunda realizada com modificações no conteúdo e nas propagandas. Ver SOARES, Antônio. História Literária de Campina Grande. Campina Grande: Caravelas, 2004, p.11.

No mesmo ano de 1925, José Barros de Amaral, comerciante, publica o *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. À semelhança do Anuário, o artefato impresso traz em suas páginas informações sobre a história de Campina Grande, dados sobre associações sindicais, comerciais e recreativas, minibiografias e um número considerável de poemas e fotografias, estes últimos vindos da máquina do fotógrafo J. Dias. O *Álbum* foi impresso na Imprensa Industrial, sem identificação sobre em qual cidade era a origem da tipografia, trazendo, na capa, uma dedicatória “ao honrado comércio de Pernambuco”, demonstrando desta forma a importância que os comerciantes do Recife tiveram na elaboração e no apoio financeiro na construção deste empreendimento editorial. Como proposta, o *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande* se afirmou como um suporte que visou divulgar, principalmente através de fotografias, as conquistas materiais do município de Campina Grande, expondo o plantel de prédios e parques, na cartografia urbana transformada pelas riquezas possibilitadas pelo comércio de algodão.

Em relação aos almanaques, esse “livro periódico”, que segundo Nelson Werneck Sodré “era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros”¹⁸, ajuda a compreender a natureza da cultura impressa naqueles primeiros momentos de sua emergência e diversificação. Em Campina Grande, eles circularam intensamente no início do século, juntamente com os cordéis e outros folhetos da mesma natureza.

O almanaque é gênero antigo, que se confunde com a própria história dos impressos no ocidente desde o final do século XV¹⁹. Com o passar dos séculos, foi sendo identificado como sinônimo de publicações anuais, que trazem além do calendário do ano, incluindo informações gerais sobre recreação, literatura, humor, ciência, educação, comércio, astrologia, entre outras. Se no século XIX os Almanques eram sisudos em sua estrutura formal, pois se constituíam enquanto almanaques administrativos, comerciais e industriais, no século XX eles ganharam sessões culturais e de entretenimento. De maneira geral eles traziam informações sobre a cidade, se transformando em verdadeiros guias da cidade.²⁰

Em Campina Grande, entre os anos de 1913 e 1953, período de nossa delimitação, circularam dois números do *Almanaque de Campina Grande*, sendo ambos editados pelo poeta e fotógrafo paraibano Euclides Vilar, respectivamente nos anos de 1933 e 1934. Os dois volumes são valiosas expressões literárias da Campina Grande da época, trazendo textos dos mais diversos gêneros literários, como poemas, crônicas, artigos de opinião, charadas, perfis biográficos, entre outros.

Euclides Vilar nasceu em Taperoá, estado da Paraíba, em 1896, falecendo em 1953, na cidade de Campina Grande. Poeta, fotógrafo, charadista conhecido não só no Brasil, mas em Portugal, onde colaborou em praticamente todas as publicações do gênero. Cedo ainda, foi viver na cidade de Bonito, interior de Pernambuco, chegando a

¹⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p.276.

¹⁹ DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2005, p.16.

²⁰ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC, Fapensp; Imprensa Oficial, 2000, p.84.

colaborar nos dois grandes anuários portugueses “Almanaque Luso-Brasileiro” e “Almanaque das Senhoras”, e no “Almanaque de Pernambuco”, sob o pseudônimo de Romeu do Prado. Fundou, dirigiu e editou o *Almanaque de Bonito*, em 1920, e foi redator do jornal “A Evolução” que circulava naquela cidade no mesmo período. Em 1931 ao transferir-se para Campina Grande, quando comprou “o Foto de Seu Dias” (fundando a *Foto Vilar*), publicou, nos anos de 1933 e 1934, o “Almanaque de Campina Grande.

Assim, como o *Anuário e o Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, os *Almanaques* trazem um grande número de alusões e imagens do comércio e da indústria da cidade, possibilitando um painel visual considerável da cidade de Campina Grande. Ambos são marcados enquanto empreendimentos editoriais, que tiveram muitas dificuldades de ocorrer, o que explica inclusive a ausência de continuidades destas atividades. A justificativa quase sempre a ausência de apoio financeiro.

Em 1950, Lino Gomes Filho e Epaminondas Pereira publicam com apoio das “classes produtivas” de Campina Grande, entre comerciantes e industriais, uma segunda versão do *Anuário de Campina Grande*, desta vez, com um formato bem pouco recreativo ou literário. Suas páginas trazem praticamente informações pragmáticas, listas com endereços e telefones das principais lojas, industriais, escolas e instituições que funcionaram no período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e vida*. Campina Grande: Grafset, 1986.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

CARVALHO, Tancredo de. *Memórias de um brejeiro*. João Pessoa: Gráfica Júlio Costa, 1975.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC, Fapersp; Imprensa Oficial, 2000.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Evolução-Jornal, Ano I, n°7, 1 de maio de 1935.

Flores de Junho, Ano I, n°1, Maio de 1924.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de. *Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil*. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Antonio. *História Literária de Campina Grande*. Campina Grande: Caravelas, 2004.

SOBRINHO, José Leite. A Imprensa em Campina Grande. In: JOFFILY, Irineuetalli. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.